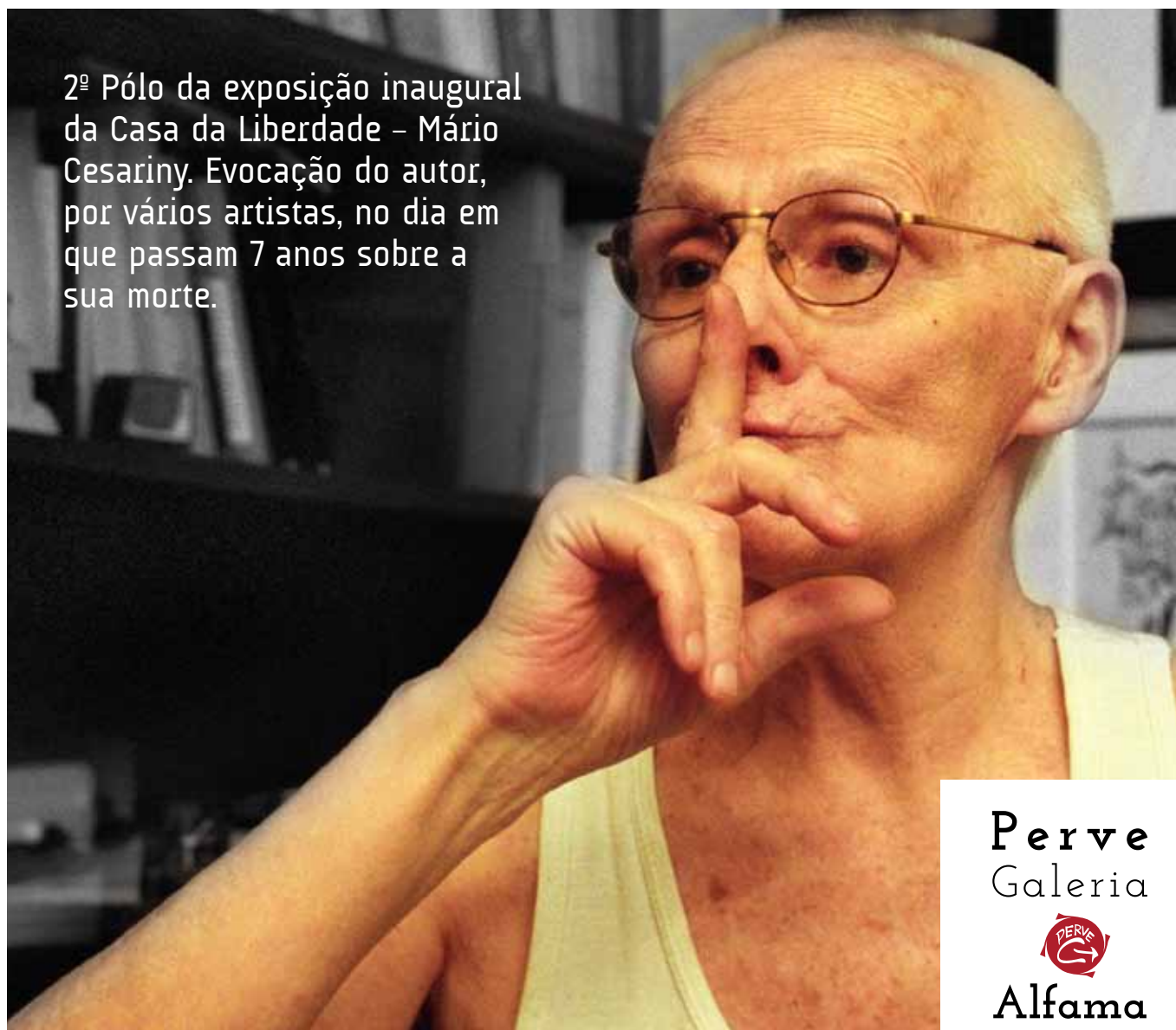


26 NOVEMBRO A 21 DE DEZEMBRO

HOME- NAGEM *A* CESARINY

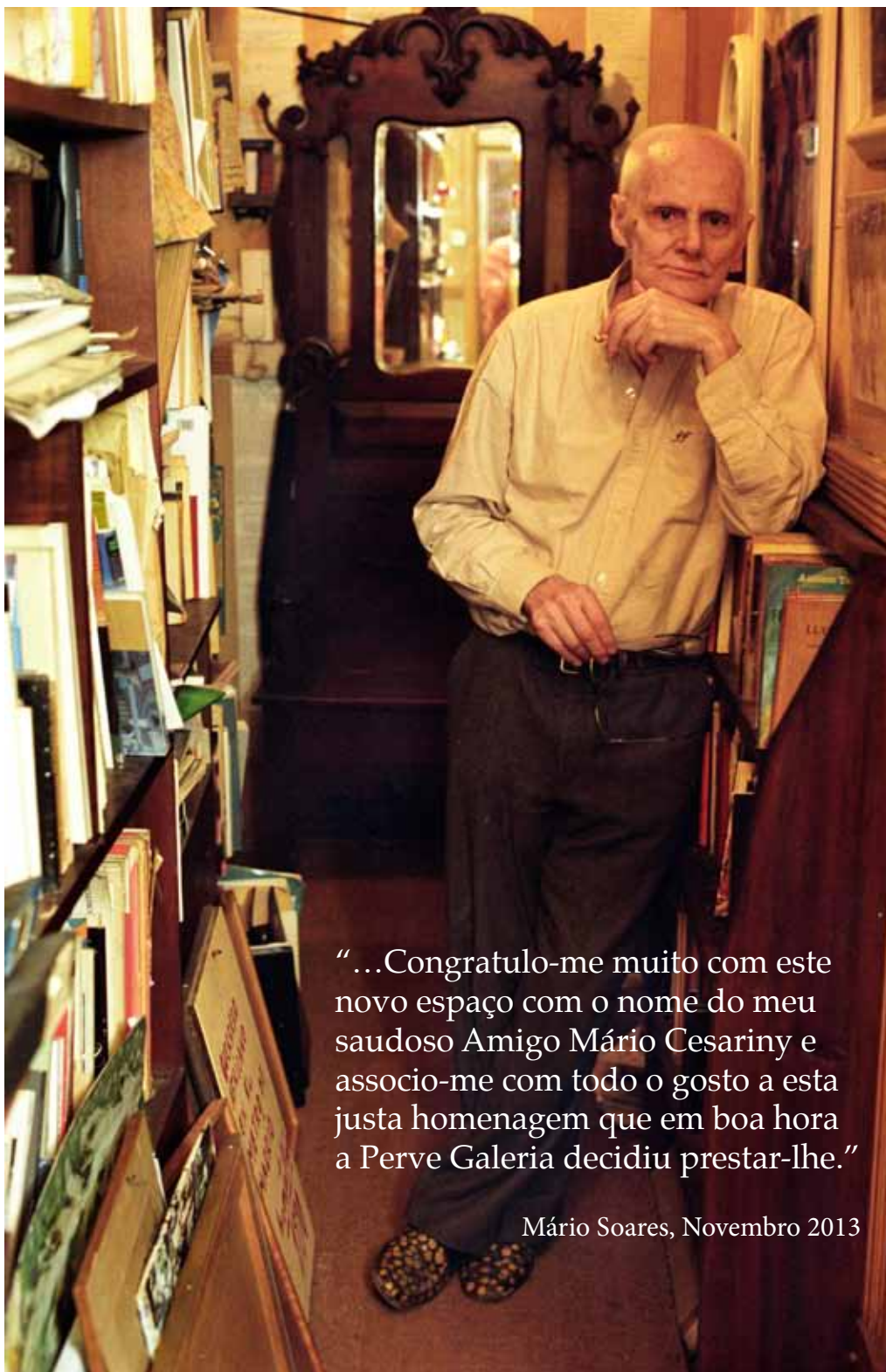
2º Pólo da exposição inaugural da Casa da Liberdade – Mário Cesariny. Evocação do autor, por vários artistas, no dia em que passam 7 anos sobre a sua morte.



Perve
Galeria



Alfama



“...Congratulo-me muito com este novo espaço com o nome do meu saudoso Amigo Mário Cesariny e associo-me com todo o gosto a esta justa homenagem que em boa hora a Perve Galeria decidiu prestar-lhe.”

Mário Soares, Novembro 2013

Fotografia de Eduardo Tomé, 2004

HOMENAGEM A CESARINY

Carlos Cabral Nunes, Novembro 2013

Hoje, dia 26 de Novembro, passam 7 anos sobre o falecimento de Mário Cesariny de Vasconcelos, poeta, artista, Surrealista - maior do que a nossa escala compreende. Tive a honra de me deixar ser seu amigo e, especialmente, de me tratar como se eu fosse um seu igual, o que era manifestamente uma enorme gentileza.

Ao longo dos anos em que nos encontrávamos com regularidade e até ao penúltimo dia da sua existência física, nunca deixou de me surpreender com a sua imensa genialidade, capacidade criativa e alegria de viver, mesmo nos momentos mais difíceis, prova disso foi a conversa que mantivemos, nesse seu quase derradeiro momento de existência e o facto de ter querido que lhe fizesse um retrato, que se publica neste catálogo, onde aparece fumando, como que num gesto de afronta à morte próxima, querendo fazer-se acompanhar por uma sua obra emblemática, a Naniora, a sua boneca Poesia, aqui em formato serigráfico, onde se pode ler um fragmento do brilhante poema “Olho o côncavo azul” (in Pena Capital). Essa obra, a original, é um dos tesouros que apresentamos nesta exposição de homenagem, a par com outras, como a maravilhosa pintura-colagem “Everything to learn 60 years ago”, realizada em Londres, na década de 1960.

Guardo muitas histórias-tesouros de que quero, hoje, partilhar umas poucas: quando me pediu para ir com ele “buscar” flores, no início da primavera, para substituir as que estavam na sua marquise e tinham morrido no inverno. Vasos de flores “emprestadas” de um hotel vizinho. Eu, que tinha vindo de moto, dizendo-lhe que me parecia difícil. Ele, que não havia problema. E os dois seguindo de motorizada. O Mário sem capacete, esbracejando, empunhado a bengala como se um rei indicando o caminho. Os carros a darem passagem, estupefactos.

A pena de não ter comigo uma possibilidade de fixar aquele instante. Imaginava a dificuldade seguinte, a de trazer vasos de flores num veículo de 2 rodas. Pensava, à Mário, que tudo se iria arranjar. Depois a espera e o receio de o ver perseguido pelos funcionários do hotel. De seguida, ele aparecendo com semblante ligeiramente carregado, apesar do sorriso. Eu pensando que o tinham apanhado a colher as flores e ele interrompendo-me para dizer “as flores não prestavam, reclamei ao gerente”.

Anos antes, em 2001, na minha primeira exposição, o Mário quis vir vê-la, acompanhado pela sua irmã Henriete, fantástica mulher de 80 anos, que se fazia portadora de uma figura e feitio facilmente comparável às grandes musas cinematográficas, de G. Garbo a Dietrich. Sabendo-me eterno aspirante a qualquer coisa por definir, fui adiando quanto pude, temeroso de que o amigo fosse justo o suficiente para achar as obras piores que as flores. Um dia (tal como o fez mais tarde, quando exigiu que eu mostrasse as minhas obras com as dele, em 2005), disse-me que só podia visitá-lo quando fosse para o levar à exposição. Ultimato vencedor. Não tive outro remédio e lá fomos os 3, com eles engalanados como se fossem assistir a um grande acontecimento e eu como se fosse para a cerimónia definitiva do condenado. O Mário, às tantas, disse que gostava de comprar todos e eu a rir-me, do nervoso de quem se sente gozado até à medula. E ele a insistir que queria pelo menos 2. Que queria trocá-los por obras dele. E eu a dizer que uma só obra dele valia tanto como todas (e mais algumas) das que tinha em exposição. Que lhe oferecia com gosto o que quisesse. Ele a querer comprar. A perguntar o preço à menina e a urrar “é muito barato”, não pode ser. Resumindo, fechamos acordo com a oferta de uma e a aquisição de outra. Depois, durante os meses seguintes, ele sempre a lembrar-me que ainda não tinha pago e eu a querer que ele se esquecesse. Um dia ligou-me a querer que eu fosse lá porque me queria falar. Quando cheguei tinha embrulhado 4 obras que eu tinha de levar. Mantenho-as comigo enquanto for deste mundo, como sua memória viva. Uma é resultante das joias que tinha feito quando era adolescente e o seu pai, ourives-joalheiro, lhe quis ensinar o ofício. Trouxe-a de minha casa, onde o seu lugar vazio aguarda o regresso após esta homenagem, para que possa ser vista e apreciada pois que é, também ela, prova cabal do génio poético e plástico de Mário Cesariny de Vasconcelos.

Nas vésperas da sua morte, no tal último dia



Mário Cesariny junto a serigrafia da obra "este é o meu testamento de poeta", 24.11.2006

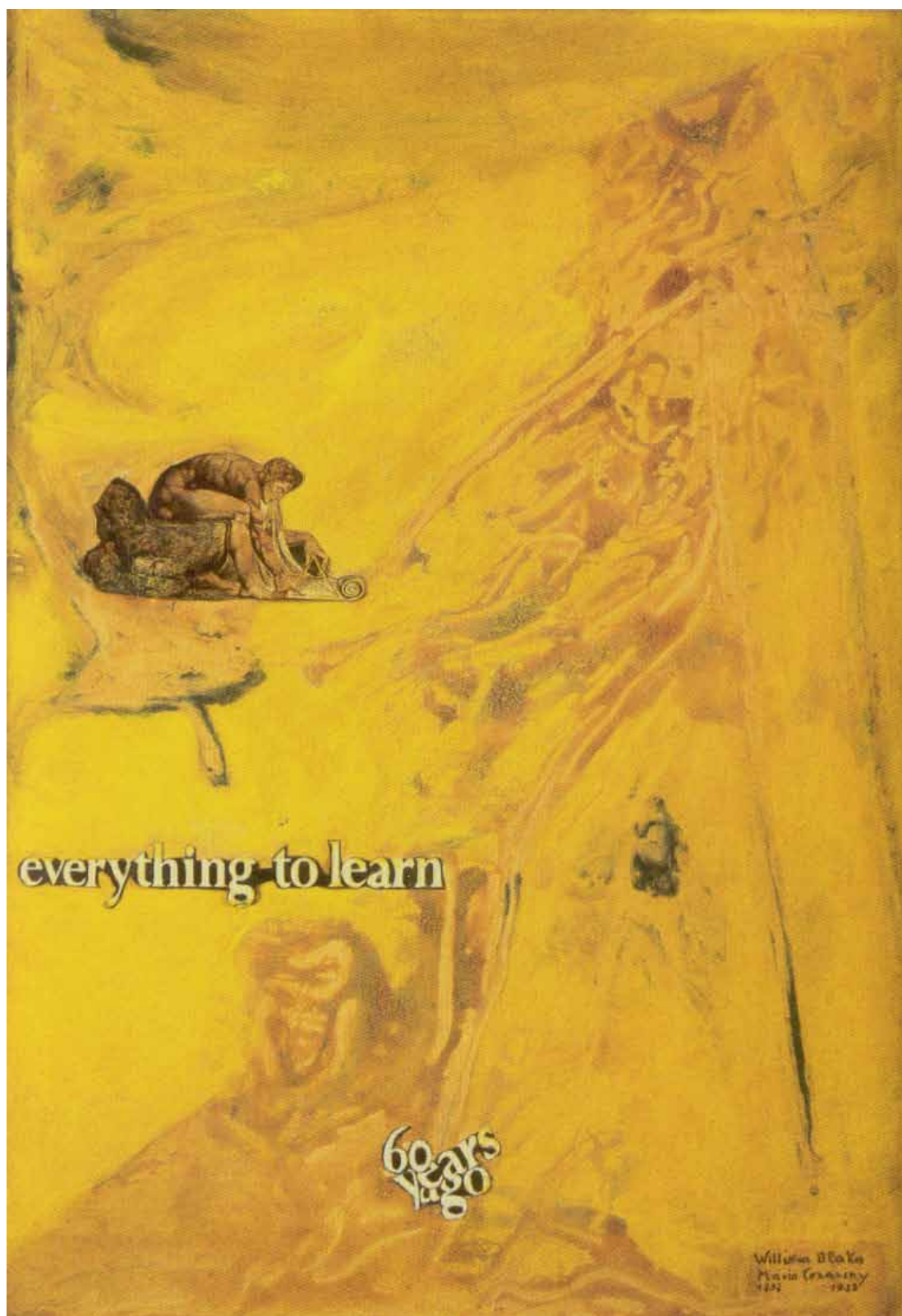
em que ainda consegui falar-lhe, pois que passado poucas horas entrou em dificuldade respiratória severa, conseguiu arranjar forças para se sentar apoiado na cama. Esse dia foi dos mais impressionantes que me foi possível viver. Havia muita gente-fantasma-espírito a entrar e a sair daquele quarto. O António Maria Lisboa, falecido nos anos de 1950, foi um deles. O Mário estava em pleno desempenho das suas faculdades metafísicas. Tudo ali era da ordem do transcendente. Às tantas, havia uma velha recorrente, vestida de negro (que julguei ser a sua mãe) que o chamava e ele, para mim, "Sabes, eu não quero ir mas também não quero ficar". Essa sua dificuldade arrastou-se por 2 penosos dias, até que decidiu partir, deixar-se ir. Faz hoje 7 anos e é como se estivesse de novo sucedendo. Recordo-me de como soube da notícia: interpelado, pela manhã, por um jornalista da TSF que queria, em direto, saber o que tinha eu a dizer sobre o Mário. Como é possível que me façam uma coisa destas? pensava, enquanto me procurava compor para cumprir o que sabia ser o mínimo da minha obrigação para com a memória da sua amizade. Balbuciei: "foi a pessoa mais genial que tive o privilégio de conhecer e de tratar por amigo". Hoje, neste dia 26 de Novembro em que, desejo, tudo corra espantosamente bem, muitíssimo melhor do que poderei esperar de véspera, sei que ele zela por este nosso projecto e que faz parte do núcleo restrito a que posso chamar família, de afetos sinceros, a que tive a sorte de ir encontrando no percurso da vida. Também fazem parte desse núcleo amigos-falecidos como Artur Bual, Shikhani e Luiz Pacheco, gente-gente que partiu na aventura d'infinito em Janeiro de anos distintos. Essas pessoas, que escolhi e me escolheram também, vivem em mim, morram ou habitem lugares a milhares de quilómetros de distância. Alguns dos que se vão mantendo no mundo dos vivos estão-me ligados por via tecnológica e sei que me acompanham neste sentimento, pleno de reciprocidade. Por isso, em homenagem à família que se escolhe e em tributo ao Mário e aos demais irmãos desaparecidos, termino esta já longa memória escrita com um seu poema que preservo como grande ensinamento:

*"Tu estás em mim
como eu estive no berço
como a árvore sob a sua crosta
como o navio no fundo do mar"*

Mário Cesariny



Mário Cesariny Este é o meu testamento de poeta - Técnica mista s/ platex 65X48cm 1994
 Coleção Dr. Henrique Jones



Mário Cesariny Everything to learn - Colagem e ovo s/ papel colado em madeira 55X37cm 1968
CSY90

Mário Cesariny, máquina de passar vidro colorido

Catarina Vaz Pinto
Vereadora da Cultura da
Câmara Municipal de Lisboa

*“Sou um homem
um poeta
uma máquina de passar vidro colorido
um copo uma pedra
uma pedra configurada
um avião que sobe levando-te nos seus braços
que atravessam agora o último glaciar da terra”.*

Assim se definia Mário Cesariny de Vasconcelos no início do seu poema Autografia, ele que foi um dos maiores expoentes do surrealismo e da liberdade artística em Portugal. É em sua justa homenagem que a Casa da Liberdade-Mário Cesariny, localizada no lisboeta bairro de Alfama, vem assinalar os sete anos decorridos sobre a sua morte através da abertura de um segundo espaço expositivo.

Cesariny foi poeta e pintor. E, também, crítico, ensaísta e tradutor - ou poeta, surrealista e tudo. Nasceu e morreu em Lisboa, e nela viveu apaixonadamente todas as dimensões da vida, da sua vida: de espírito vivo e inconformista, com uma incessante paixão pela palavra, pela arte e, sobretudo, pela liberdade.

Foi nas tertúlias dos cafés lisboetas que descobriu primeiro o neo-realismo, com o qual rompe, de modo irónico, em Nicolau Cansado Escritor, poema reunido em Nobilíssima Visão, envolvendo-se depois no movimento surrealista, que o levou a Paris, em 1947, onde conheceu André Breton.

Foi fundador do Grupo Surrealista de Lisboa como forma de protesto libertário contra o regime e as convenções vigentes e cujas reuniões decorriam habitualmente na pastelaria Mexicana, o qual incluía, entre outros, Alexandre O'Neill e António Pedro.

Mário Cesariny define o surrealismo como uma “Revolução” em todos os domínios: moral, político e estético. Segundo o poeta, o surrealismo não é um método ou escola, mas uma forma de insurreição permanente, na arte e na vida. Não é um período histórico, uma vez que os princípios de liberdade, subversão e amor que lhe dão substância emergem em diferentes épocas.

Como homem livre que sempre foi, criou mais tarde um grupo dissidente do primeiro, denominado Os Surrealistas, do qual fizeram parte, entre outros, Artur do Cruzeiro Seixas, António Maria Lisboa, Mário Henrique Leiria e Pedro Oom.

“Cadáver-esquisito” e “despintura” foram técnicas surrealistas muito usadas por Cesariny na sua obra plástica que o ajudavam, segundo as suas próprias

palavras, a libertar-se das convenções do gosto, procurando a autonomia do gesto e da cor. Libertou-se também na poesia escrita, numa época em que o “tecto estava muito baixo”, referindo-se o surrealista à falta de genialidade artística da sua geração (in Autografia, documentário de Miguel Gonçalves Mendes, 2004).

Amor, revolta, liberdade, desejo, são palavras indirectamente presentes na sua obra e que ele próprio utiliza para a caracterizar. Os seus poemas, em forma de pintura ou em forma de escrita, são uma espécie de grito, de expressão libertária. Afinal o que importa não é a literatura/ nem a crítica de arte nem a câmara escura/ (...) Que afinal o que importa é não ter medo (Pastelaria).

Importante artista plástico surrealista, também extraordinário poeta e homem eminentemente livre, Cesariny mereceu reconhecimento público através do Grande Prémio EDP de Artes Plásticas (2002), do Grande Prémio Vida Literária (2005), e da Grã-Cruz da Ordem da Liberdade (2005).

Detendo um lugar central na poesia portuguesa do século XX, está consagrado no Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, destacando-se pela sua “poesia espontânea, subversiva, fulgurante, animada por um sentido de contestação aos comportamentos ou princípios mais institucionalizados ou considerados normais no campo do pensamento, da cultura, dos costumes, do erotismo”.

Maria Helena Vieira da Silva assim qualifica Mário Cesariny:

*“ Vejo a poesia do Mário muito
forte e muito densa ...
mas vejo e não sei traduzir em
palavras, o que vejo
É uma poesia única, como o
Mário é Único: em todo o sentido
da palavra “*

(PHALA, Mário Cesariny, Assírio & Alvim)

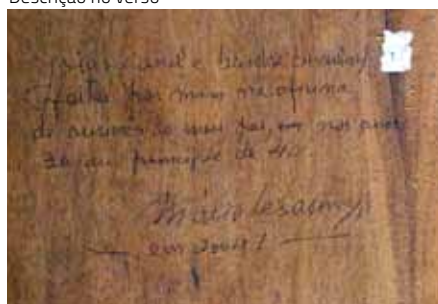


Mário Cesariny Concreção (Capa p/ o livro "A verticalidade e a chave" de António M. Lisboa) - Técnica mista s/ madeira 28x24 cm c. 1950
CSY56



Mário Cesariny Sem título - Escultura-objecto | Jóias executadas pelo autor 40X25cm
1942-1998 - CSY94

Descrição no verso



"Jóias (anel e broche circular) feitas por mim na oficina de ourives do meu pai, nos anos 30 ou princípio de 40.

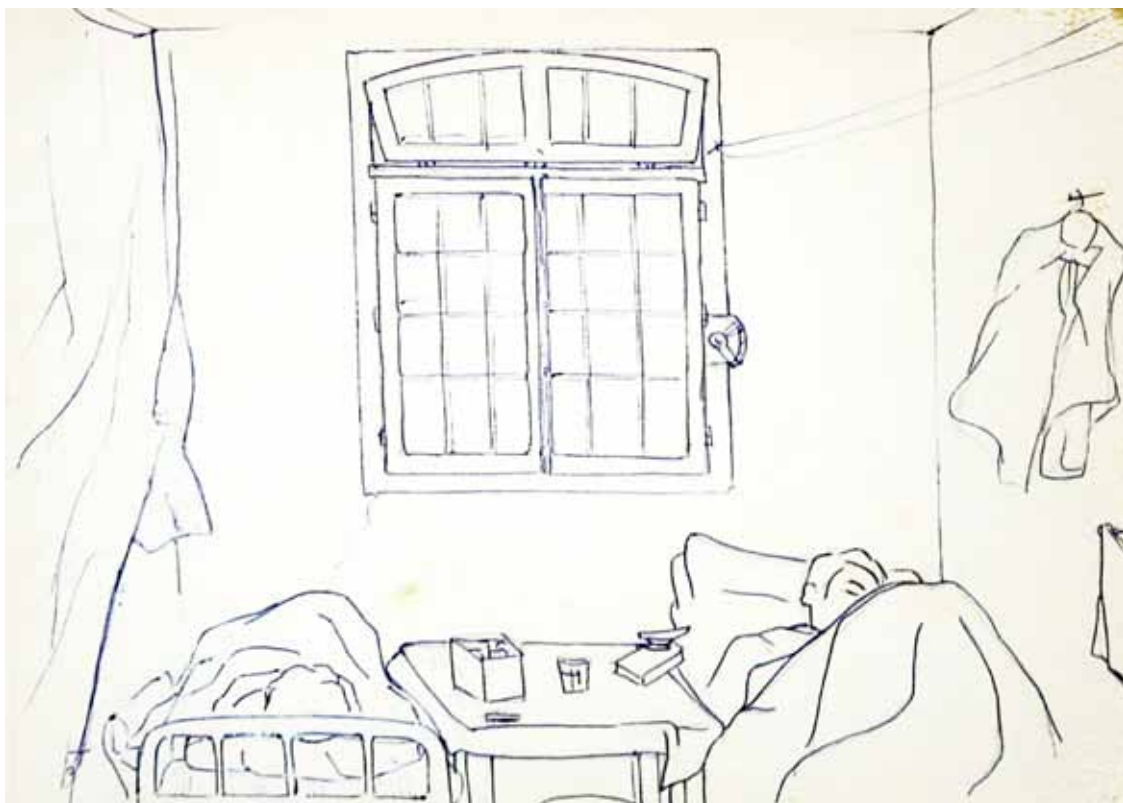
Mário Cesariny
em 2004 "



Mário Cesariny Homenagem a Franz Marc Óleo s/ almofada de tecido 40x60 cm 1982
CSY32



Mário Cesariny Homenagem a Mário Henrique Leiria - Óleo s/ almofada de tecido 40x60 cm 1982
CSY30



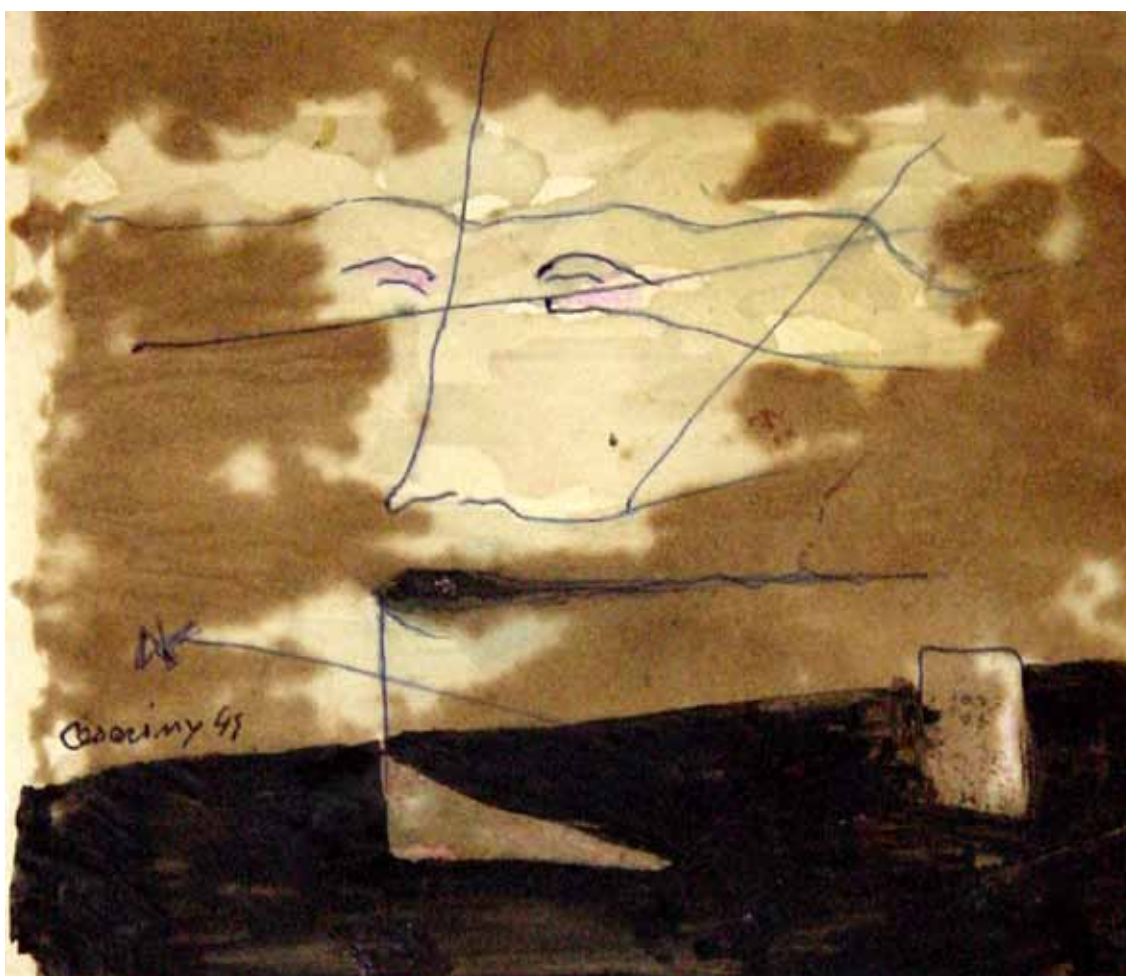
Mário Cesariny Tin-tin e Gazelle Esferográfica e lápis sobre papel 21x26,9 cm 1964
Coleção Casa da Liberdade - CSY71



Mário Cesariny Sem Título Técnica Mista s/ papel 21x26,9 cm 1964
Coleção Casa da Liberdade - CSY72



Mário Cesariny Sem título - Tinta de escrever, aguada e lápis de cor s/ papel 13x17 cm 1948
Coleção Casa da Liberdade - CSY67



Mário Cesariny Sem Título Tinta-da-China e aguada sobre papel 16,3 x 20,2 cm circa 1950
Coleção Casa da Liberdade - CSY70



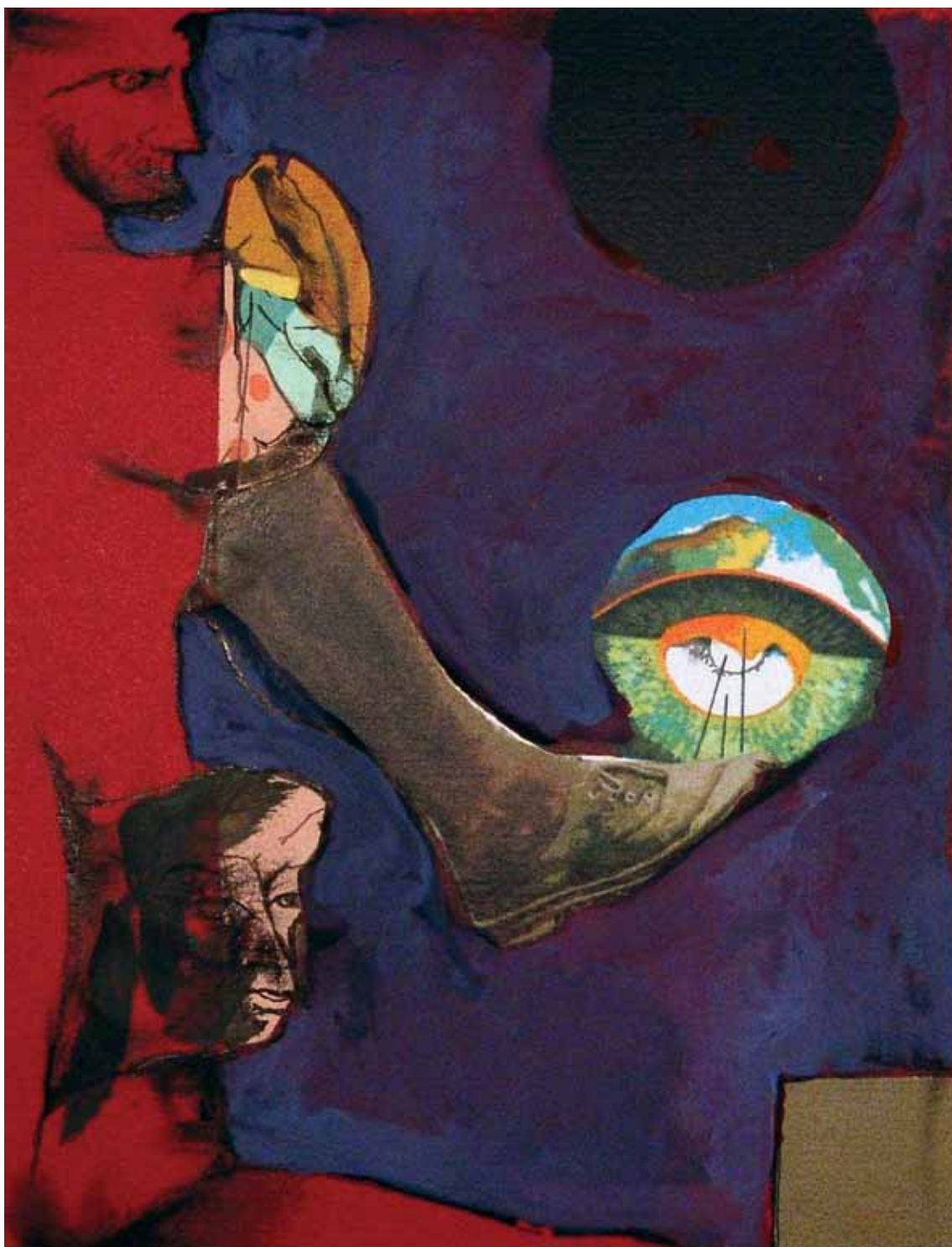
Mário Cesariny, Sem título - Técnica mista sobre madeira (mesa de viagem) 50x70 cm n.d
CSY16



Cruzeiro Seixas Homenagem a Mário Henrique Leiria - Óleo s/ almofada de tecido 40x60 cm 1982
CS112



Cruzeiro Seixas Paisagem da alma - Tinta da china e Têmpera sobre papel 20x26,5 cm n.d. circa anos 80
CS51



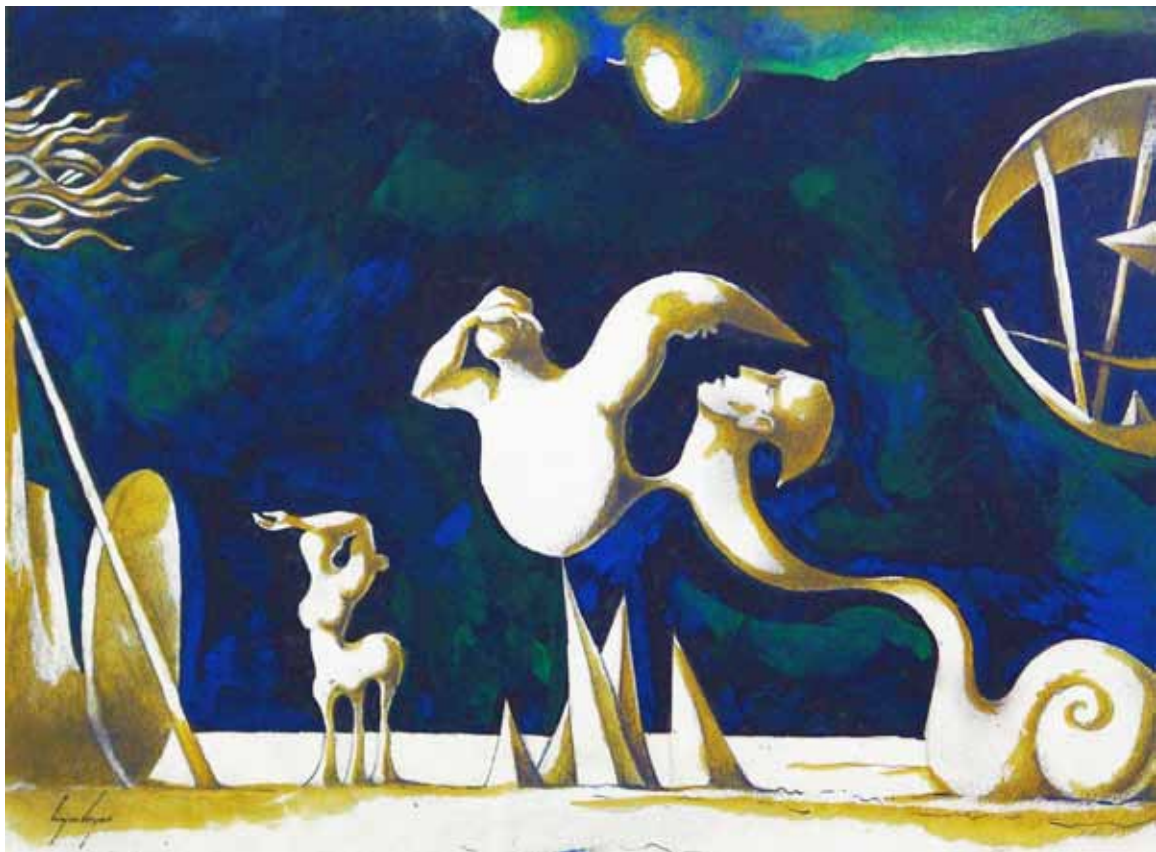
Cruzeiro Seixas Sem Título Técnica mista s/ papel 35x25 cm 2009
CS94

*“... se o que fiz, durante 93 anos de vida,
tem algum sentido, isso se deve ao Cesariny ...”*

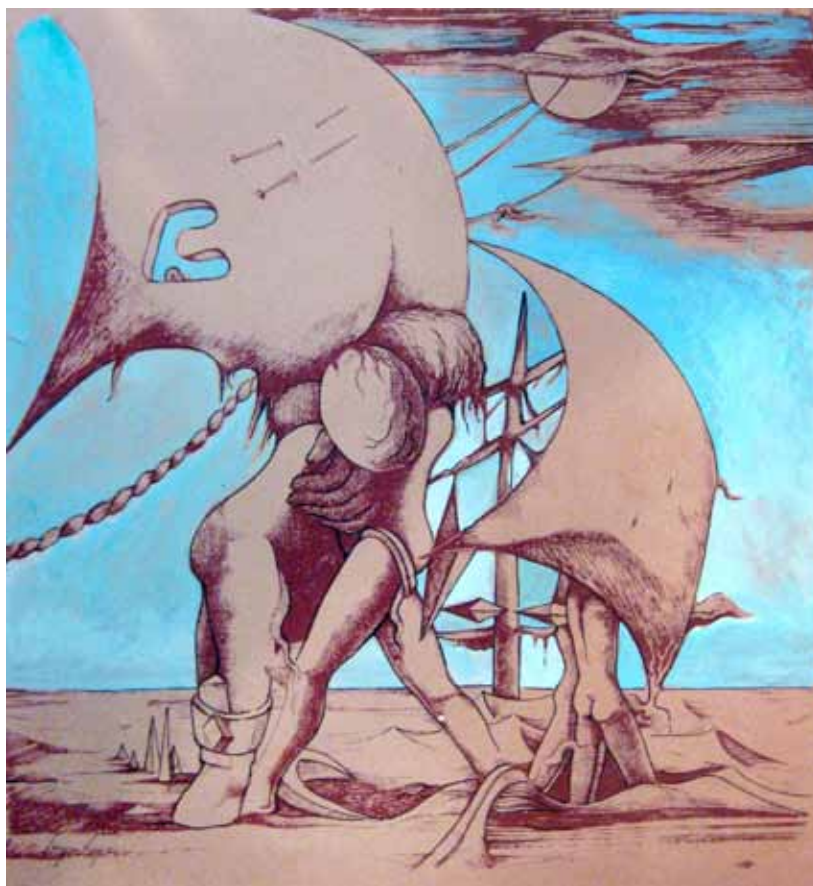
Cruzeiro Seixas, Novembro de 2013



Cruzeiro Seixas Sem título, Tinta da china e Têmpera sobre papel 21x16,5 cm
1961 - CSY73



Cruzeiro Seixas Os segredos do vento (projecto para tapeçaria de Portalegre), Têmpera e tinta da china s/ papel 420x26,5 cm 2004
CSY131



Cruzeiro Seixas Homenagem a Mário Henrique Leiria - Óleo s/ almofada de tecido 40x60 cm 1982
CSY122



Cruzeiro Seixas Sem título, Tinta da China e têmpera sobre papel 40x60 cm 1956
CSY129



Cruzeiro Seixas, Sem título, Têmpera e tinta da china s/ papel 24x31,5 cm n.d. circa 1960
CSY154

*“...foi o Cesariny que deu sentido às pedras, às asas, às
vagas, às palavras que atravessaram a minha vida ...”*

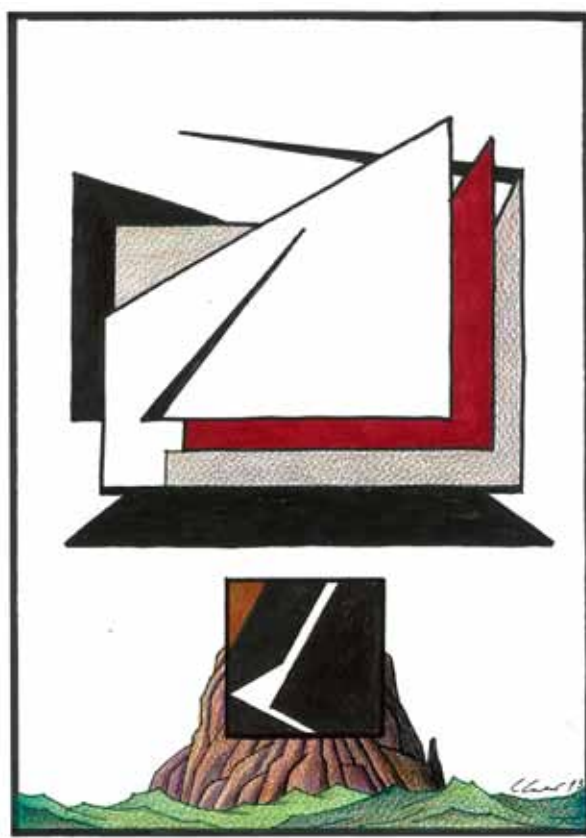
Cruzeiro Seixas, Novembro de 2013



Cruzeiro Seixas Personagem estudando o cometa Halley, Tinta da china sobre papel 29x19 cm 1978
CSY118



Carlos Calvet, Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 32,5x22,9 cm
2012 - CC27



Carlos Calvet, Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 32,5x22,9 cm
2012 - CC28



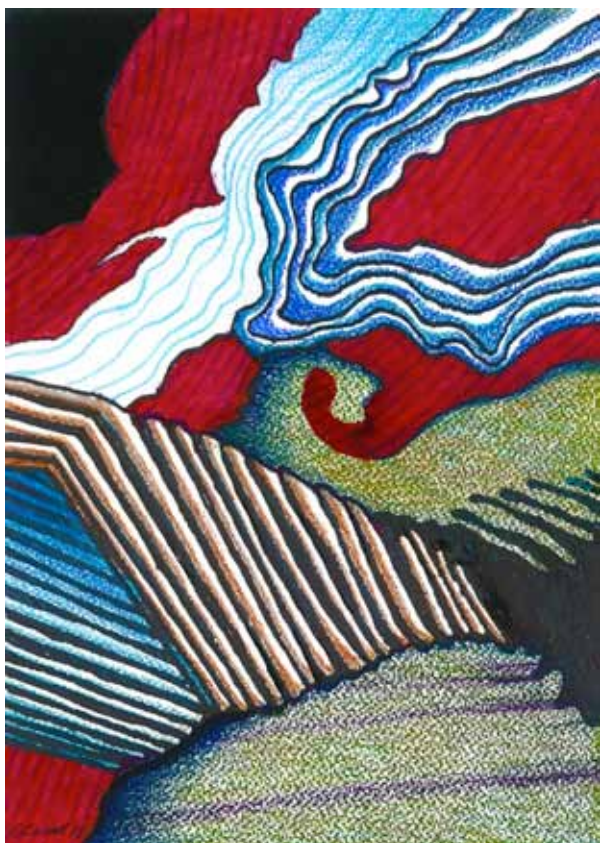
Carlos Calvet, Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 31x22,9 cm
2012 - CC10



Carlos Calvet, Tornado, Gouache e grafite s/ papel 29,5x21 cm
2010
CC06



Carlos Calvet Oráculo, acrílico s/tela 130x89 cm 2003
CC37



Carlos Calvet, Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 32,5x22,9 cm
2012 - CC20



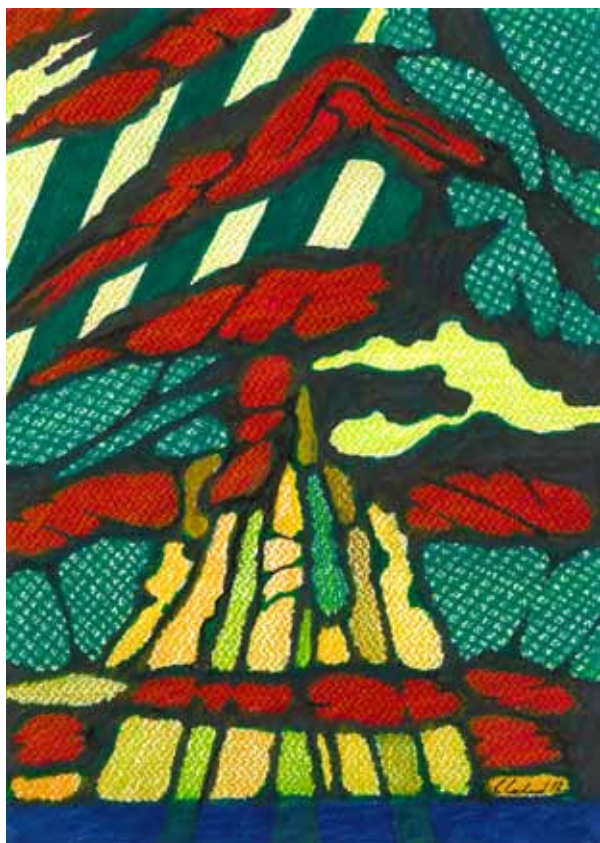
Carlos Calvet, Fénix Eidética, Gouache e grafite s/ papel 32,5x22,9 cm
2013 - CC29



Carlos Calvet, Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 32,5x22,9 cm
2013 - CC31



Carlos Calvet, Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 32,5x22,9 cm
2012 - CC21



Carlos Calvet, Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 32,5x22,9 cm
2012 - CC18



Carlos Calvet, Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 32,5x22,9 cm
2012 - CC16



Carlos Calvet, Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 22,9x32,5 cm 2012
CC19



Carlos Calvet, Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 32,5x22,9 cm
2013 - CC24



Carlos Calvet, Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 32,5x22,9 cm
2012 - CC13



Carlos Calvet, Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 32,5x22,9 cm
2013 - CC32



Carlos Calvet, Sem título, Gouache s/ papel 28,5x17,5 cm 2010
CC12



Carlos Calvet Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 28,2x21 cm 2010
CC08



Carlos Calvet Sem título, Gouache s/ papel 32,5x22,9 cm 2010
CC02



Carlos Calvet Sem título, Gouache s/ papel 32,5x22,9 cm 2010
CC05



Carlos Calvet Sem título, Gouache s/ papel 32,5x22,9 cm 2012
CC15



Carlos Calvet Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 32,5x22,9 cm
2012 - CC26



Carlos Calvet Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 32,5x22,9 cm 2012 - CC23



Carlos Calvet Sem título, ouache e técnica mista s/ papel 32,5x22,9 cm 2012 - CC17



Carlos Calvet Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 21x28,8 cm 2009 CC01



Carlos Calvet Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 32,5x22,9 cm 2010 - CC07



Carlos Calvet Sem título, Gouache s/ papel 32,5x22,9 cm 2010 CC14



Carlos Calvet Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 32,5x22,9 cm 2013 - CC30



Carlos Calvet Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 32,5x22,9 cm 2012 - CC22



Carlos Calvet Sem título, Gouache e técnica mista s/ papel 25x24,9 cm 2010
CC09



Isabel Meyrelles
Passing cat,
Bronze
19,5x32,5x18 cm
2002
IM01

Isabel Meyrelles
Cornue Deprimee
(a partir de desenho do
Artur do Cruzeiro Seixas)
Terracota pintada
18x16x11 cm
2013
IM34





Isabel Meyrelles
O voo da árvore,
Terracota pintada
33x22x9 cm
1976
IM40

Isabel Meyrelles

O revolver de trazer por casa
(homenagem a Alexandre O'Neill)

Terracota pintada

21x17x11 cm

2013

IM30



*“... todos os meus passos são o reflexo
apenas metafísico do Cesariny ...”*

Cruzeiro Seixas, Novembro de 2013



Isabel Meyrelles
Auto-retrato
Bronze dourado 3/8
20x25x11 cm
2004
IM31



Isabel Meyrelles
Cadavre "trop exquis"
Terracota pintada
(folha de ouro e prata).
22x18,5x22 cm
2010
IM22



Isabel Meyrelles
Templário depois de
"Phillipe Le Bel"
Terracota pintada
28x11x14 cm
2013
IM35

Isabel Meyrelles
 Casa habitada
 Gesso pintado
 22x36x20 cm
 2004
 IM23



Isabel Meyrelles
 Le revolver à cheveux blancs
 (hommage à André Breton)
 Bronze cinzento claro 4/8
 25,5x26,5x17 cm
 2008
 IM39

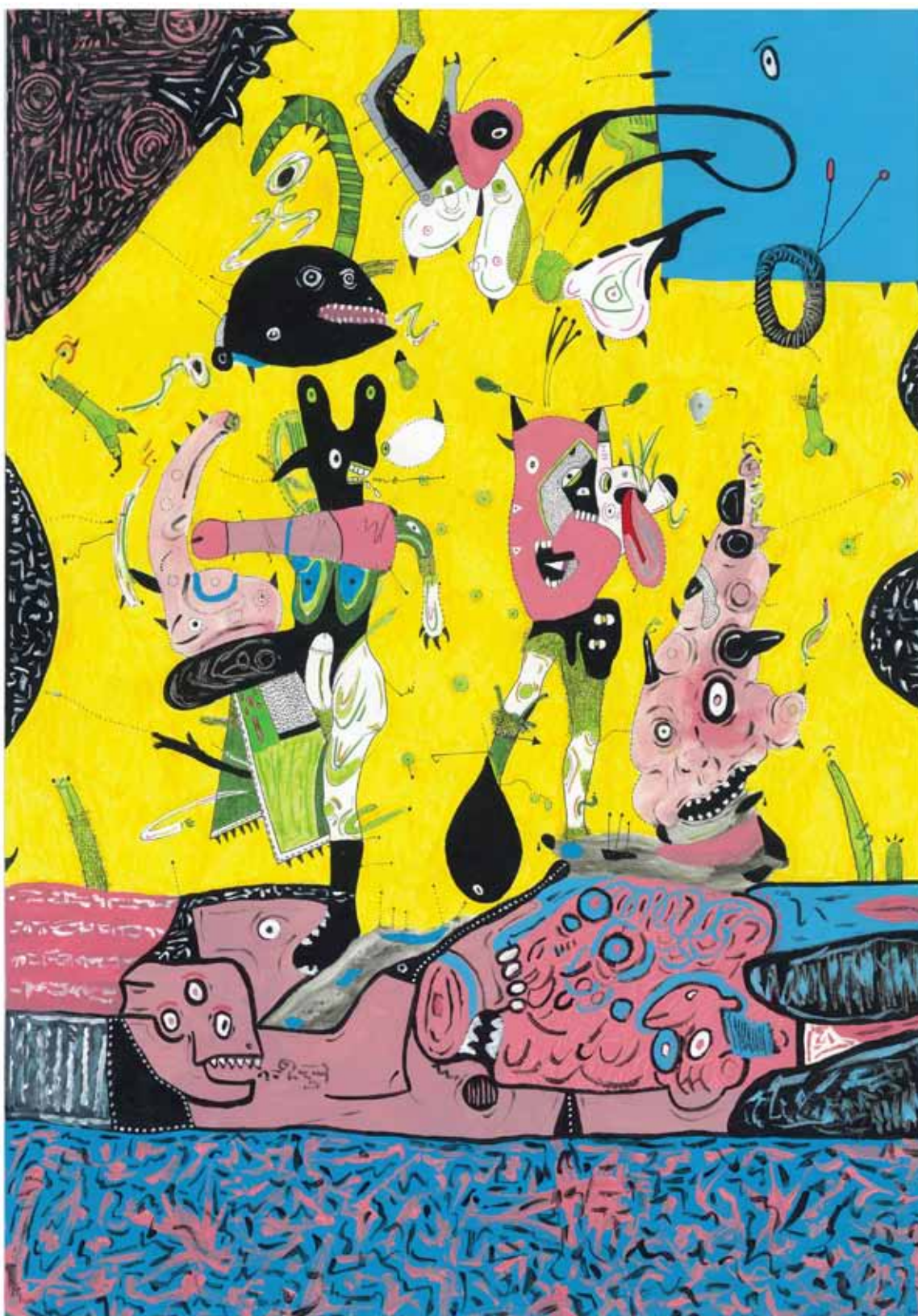




Aldo Alcota Corporalidad comestible mental 32, Técnica mista s/bandeja de cartão 28x22 cm 2012 - ALC46



Aldo Alcota Corporalidad comestible mental 10, Técnica mista s/bandeja de cartão 28x22 cm 2012 - ALC24



Aldo Alcota Reunión de poetas infrarrealistas y surrealistas, Acrílico s/papel 41,7x21,5 cm 2011
ALC54



Alfredo Luz Era uma vez um lavrador, Técnica mista s/ papel 25x19 cm. 2013
AL021



Alfredo Luz A morada dos pássaros, Técnica mista s/ papel 25x19 cm. 2013
AL020



Alfredo Luz Milagre do pão, Técnica mista s/ papel 90x65 cm 2013
AL019



Alfredo Luz O Adro, Técnica mista s/ papel 90x65 cm 2013
AL018

Albino Moura



Albino Moura As palavras e os sons, Técnica mista s/ papel 35x50 cm 2003 AM3

Carlos Zíngaro



Carlos Zíngaro Convolution2012/1, Técnica mista s/tela 33x24 cm 2012 - CZ066



Carlos Zíngaro Convolution2012/2, Técnica mista s/tela 24x33 cm 2012 - CZ068



Carlos Zíngaro Enlèvement des Sabines, Acrílico s/tela 100x100 cm 2005/12
CZ063



Cabral Nunes | Mário Cesariny Homenagem a William Blake - Trabalho colaborativo, Técnica mista 30x10 cm 2006
CSY119



Dorindo Carvalho Formas presentidas / 36, Acrílico s/ tela
80x80 cm 2010 - DO047



Dorindo Carvalho Formas presentidas / 35, Acrílico s/ tela
80x80 cm 2010 - DO046



Dorindo Carvalho Os Meus Mestres / 14 / Botticelli, Acrílico e óleo s/ tela 100x80 cm 2011
DO057



Eurico Gonçalves Cintilações - Homenagem a André Masson, Tinta da China s/
papel 22x15cm 1961 - EU29



Eurico Gonçalves Surrealismo | Abjeccionismo 60 anos depois - 1949-2009
Lápis de cor s/ papel 30x20 cm 2009 - EU19



Fernando Lemos Sem Título - Série Desenho Diacrônico, Técnica mista s/ papel 20x15cm 2010 - FL11



Fernando Lemos Sem Título - Série Desenho Diacrônico, Técnica mista s/ papel 20x15cm 2010 - FL36



Fernando Lemos Serie Ex-Fotos "A máscara nos caiu", Impressão Fotográfica 1/5 70x100cm 2005/09 FL63

Fernando Grade



Fernando Grade Teoria das multidões, Técnica mista sobre cartão
30x21 cm 2006 - FG4



Fernando Grade Teoria das multidões, Técnica mista e colagem sobre cartão
30x21 cm 2006 - FG3

João Garcia Miguel

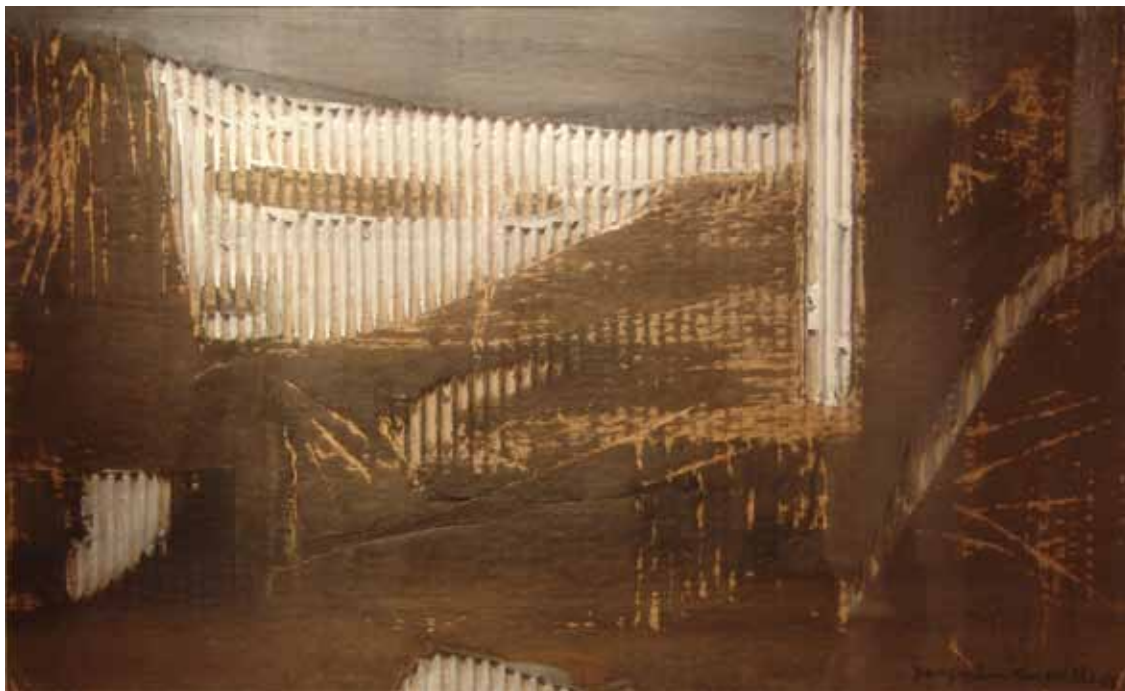


João Garcia Miguel Mão, mãos olhos, Técnica mista s/ papel
35x23 cm 2007 - JMG131



João Garcia Miguel Boca, olhos, cabelos, Técnica mista s/ papel
37x23 cm 2006 - JMG126

Joaquim Carvalho



Joaquim Carvalho Sem Título, Tinta da china s/ papel 25x42 cm 1989
JCA07

Manuel João Vieira



Manuel João Vieira O bolismo em Portugal, Óleo s/ tela 65x60 cm
2001/09 - MJV29



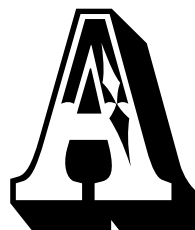
Raul Perez Sem título, Tinta da china s/ papel 20x12,5 cm 2001/09
RPZ11



Raul Perez Sem título, Tinta da china s/ papel 17x19 cm 1974
RPZ10

A collage artwork. The top portion is a circular piece of white paper with musical notation, including notes, rests, and a blue ink blot. The bottom portion is a rectangular painting on a red background, depicting a figure in a white suit and hat standing next to a large, textured, brown and blue shape.

49



antologia poética, bilingue, português-francês tem o seu 1º volume dedicado à obra poética e plástica de “Os Surrealistas”, tendo sido apresentada na exposição “A estrada começa”, mostra inaugural da Casa da Liberdade

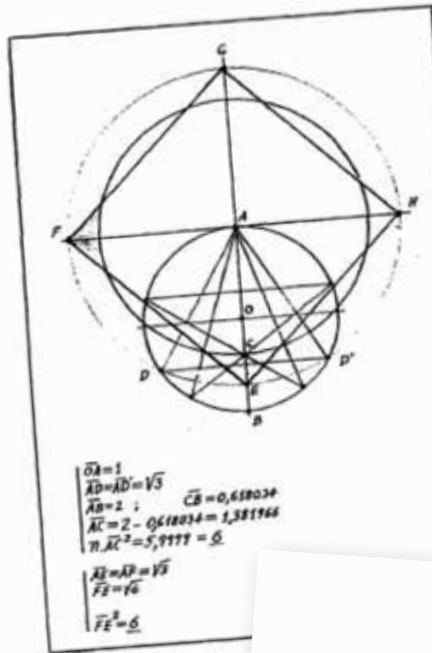
- Mário Cesariny, a 2 de Novembro, por Isabel Meyrelles, autora desta obra monumental, cujo trabalho envolveu mais de 30 anos de intensa pesquisa e tradução.

Este primeiro volume, lançado no decorrer da presente exposição “Homenagem a Cesariny” inclui obras múltiplas em escultura e serigrafia de Cruzeiro Seixas e, na 1ª tiragem, também de Carlos Calvet, autores pertencentes a “Os Surrealistas”, que têm igualmente poemas seus integrados neste volume.

Trata-se de uma obra composta por 4 volumes, que irão sendo lançados trimestralmente, sob a forma de livro-objecto artístico, em edição assinada e numerada pelos autores e pelo editor, com 2 tiragens limitadas, respectivamente, a 35 e 150 exemplares.



DA BELA GEOMETRIA
DE LA BELLE GÉOMÉTRIE.



Um pequeno poema
Terna da Estrela Hanselaria, com gostos cuidadosos.
O rito com que faria, rotundo Seis
Além do Divino Triângulo os braços gememas
Até obteres Quadrado que ao Seis também obedecia.
A essa luz, que já angus reis poderosos,
Casados ficam por Lá que não perdes.

Do Livro de Carlos Calvet, Mitogeometria
de Portugal e outras histórias, Hogan, ed., Lisboa, 200



EXCESSIVAMENTE ASSIM ASSIM

as mulheres
e vem
num oculto
de percepção
pulcras
oode
a obra possui
que espanta
por cima
das cabeças
retarda (um pouco)
a marcha
sempre
que o pouco
de enche
o copo
chega
à fala
no entanto
a civilização
brevemente
M
catalogos
seventy e tantas
manetas
corretas
de esquecer
o arto
(2 centímetros)
isso
não significa
o certo
de imagem
no espelho
do pouco
o estilo
espantoso
caixa
colada
ao péris
mas
a relativa pequena
dos movimentos
partindo
de baixo para cima
ou
a inversa
partindo
da boca
para a face
interna
da virilha
bruscamente
ao longo
do corpo

Reproduzido em: «Análise da Humanidade
Portuguesa», Edições Figueiredo
Bávaro de Mello, Lisboa, 1970. (N.A.)

FEDRO OOM
155



HOME- NAGEM A CESARINY

Ficha Técnica

conceito e curadoria
Carlos Cabral Nunes

design, fotografia e audiovisual
Carlos Cabral Nunes e Carlos Santos

direcção financeira e de produção
Nuno Espinho

produção, comunicação e web
Graça Rodrigues

produção executiva e montagem
Sara P. Silva

desenvolvimento e execução gráfica
Carlos Santos

textos
Carlos Cabral Nunes
e autores identificados

direcção artística
Colectivo Multimédia Perve

AGRADECIMENTOS

Isabel Meyrelles e Emilienne Paoli, Cruzeiro Seixas e Carlos Silva, Adriana e Carlos Calvet, António Cândido Franco, Gracinda de Sousa, Mário Soares, Catarina Vaz Pinto, Henrique Jones. Aos clientes da Perve Galeria, cuja acção tem sido determinante para o desenvolvimento deste projecto artístico e aos artistas que, ao longo dos anos, têm sido intervenientes directos nesta aventura. Profundo reconhecimento a Mário Cesariny.

Impressão e Copyright
Perve Global - Lda.
ISBN: 978-989-98728-1-3



Parqueamento automóvel: Portas do Sol

Transportes: Metropolitano de Santa Apolónia [Linha Azul]; Eléctrico 28

Estacionamento gratuito: Largo da Igreja de S. Vicente de Fora; Largo da Feira da Ladra [excepto 3.ª feira e Sábado].

Perve Galeria - Alfama

Rua das Escolas Gerais n.º 17 e 19, 1100-218 Lisboa
tel. 218822607/8 | tm. 912521450

Horário: segunda-feira a sábado das 14h às 20h
galeria@pervegaleria.eu | www.pervegaleria.eu

Apoio - catering



Parcerias



Perve
Galeria
Alfama

CT-33 | Novembro de 2013
Edição © Perve Global - Lda.
Proibida a reprodução integral ou parcial deste catálogo, sem autorização expressa do editor.